

Movimentos do sujeito na produção de sentidos: subjetivação e objetivação*

Jane Quintiliano Guimarães Silva**
Maria de Lourdes Meirelles Matencio**

Resumo

Este trabalho retoma categorias pelas quais têm sido tratada a relação do sujeito com o seu próprio dizer, com o dito e/ou com dizer do outro. A realização dessa tarefa pauta-se no princípio de que, para compreender as ações de linguagem, particularmente as que emergem no domínio da atuação profissional – no caso deste estudo, a de professores em formação –, é essencial relacionar as noções de subjetividade, identidade e autoria. Considerando-se, pois, que essas categorias, por seu turno, focalizam, distintamente, a relação entre sujeito e produção de sentido, são investigados indícios de uma zona de imbricação entre posicionamento do sujeito e construção de sentido.

Palavras-chave: Subjetivação; Objetivação; Identidade; Autoria.

ASPECTOS TEÓRICOS

A noção de sujeito é, sem dúvida alguma, uma das mais controversas nos estudos da língua(gem), em razão da diversidade de paradigmas que, tratando da relação sujeito e objeto (do conhecimento), em diferentes campos disciplinares, alimentam as reflexões teóricas que sustentam investigações voltadas à compreensão do engendramento de processos de socialização e subjetivação, identidades sociais e subjetivas, autoria e autonomia.

Não é centro de nosso interesse uma discussão que procure apresentar tal diversidade; pretendemos, isso sim, construir um quadro teórico que, alimentan-

* Este artigo resulta de pesquisa desenvolvida no âmbito dos seguintes projetos: “Os gêneros acadêmicos na formação profissional” (FIP PUC Minas, 034/2004, CNPq 403167/03-5) e “Formação do professor: processos de retextualização e práticas de letramento” (PROJETO TEMÁTICO – Fapesp 02/09775-0). Uma versão inicial do presente trabalho foi apresentada no 52º Seminário do GEL, em julho de 2004.

** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

do-se de contribuições oriundas de diferentes perspectivas disciplinares, demonstre a necessária confluência dessas categorias na investigação da produção de sentido pelo sujeito.

Nesse quadro de reflexões, assumimos o pressuposto segundo o qual a socialização é um processo de subjetivação e objetivação (MORIN, 1996; MOSCOVICI, 2002; VYGOTSKY, 1991), o qual envolve, em consequência, a assunção de posicionamentos identitários, construídos nas interações sociais.

Para acercarmos do fenômeno, recorreremos, particularmente, à reflexão desenvolvida por Morin (1996, p. 52) sobre as diferentes dimensões pelas e nas quais se dá a constituição do *ser sujeito*, que envolve o *eu*, o *eu mesmo*, o *ele* e também a “*máquina biológica*”, na medida em que consideramos, com o autor, que *ser sujeito* ultrapassa a qualidade do ser vivo e a singularidade que caracteriza o sujeito do ponto de vista morfológico ou psicológico.

Às considerações sobre o sujeito, somam-se as contribuições acerca da noção de identidade social tecidas, no quadro do interacionismo simbólico, por Erickson & Shultz (1998), Goffman (1998), Gumperz (1998), Holland *et al* (1998), Tannen & Wallat (1998), as quais apontam para a complexidade de que se reveste o fenômeno da produção de sentido, efeito de movimentos identitários no curso de interações sociais.

Do ponto de vista aqui adotado, a construção da identidade do sujeito é também a construção do *si mesmo* – com os recursos sócio-culturais disponíveis ao sujeito (como pessoa) –, é um processo que coloca em relação o *eu* (a posição egocêntrica) e o *eu mesmo* (sua objetivação) (cf. MORIN, 1996).

Deve-se ainda dizer que, nesse processo de objetivação, para evocar e/ou compartilhar formas de conceptualização – de si mesmo, do mundo, do outro, enfim, formas de recortar o mundo –, são mobilizados recursos sócio-culturais atravessados por vozes e, naturalmente, pelas instâncias em que emergem essas vozes (cf. HOLLAND *et al.*, 1998).

O processo de objetivação do *si mesmo* se dá em situações de interação, e é justamente na objetivação do *eu*, orientada por uma finalidade subjetiva, que, em relação ao outro, são definidos/negociados posicionamentos identitários, o que pressupõe, no decurso da interação, a construção de sentidos para o *si mesmo* e para o *outro* (MORIN, 1996).

A conceptualização da identidade pelo sujeito está, pois, subordinada a seu investimento na assunção de papéis sociais, comunicativos e pessoais na interação. Tais papéis e as posições discursivas que a eles se aliam são instituídos, negociados, (re)construídos em relação ao outro, à função e à natureza do evento, engendrado nos espaços sociais (cf. GOFFMAN, 1998; TANNEN & WALLAT, 1998).

Ressalte-se, ainda, que, em um movimento caracteristicamente dialético e plástico, é pelo *outro* que o *eu* se constitui em um ser social com sua subjetividade, mas não se pode relevar que, ao mesmo tempo, o *eu* inaugura um movimento em que exclui o *outro* (ninguém pode dizer *eu* pelo *outro*!). Em última análise, nesse movimento, fundam-se ações singulares e autônomas do sujeito, as quais podem ser entendidas como a construção, pelo sujeito, da sua subjetividade.

Resumidamente, enquanto *eu* falo e, ao fazê-lo, evidencia-se a objetivação – pelo *eu mesmo* que falo –, manifesta-se, dialeticamente, um movimento de subjetivação – ou seja, manifestam-se traços de singularidade do *ser sujeito*, porque se manifesta sua intenção subjetiva. Sobre isso, ressalte-se, finalmente, que a assunção de posicionamentos identitários afigura-se como processo em que emergem movimentos de objetivação do *si mesmo* (há, nos termos de MORIN, 1996, o *eu* e *eu mesmo* que se manifestam), orientados por intenções subjetivas do sujeito (que manifestam, por isso mesmo, sua subjetividade).

É assim que o *eu*, apropriando-se da palavra alheia, assinalando as marcas do *outro* no discurso e coordenando vozes e instâncias enunciativas, numa visada bakhtiniana, dá mostras, nos eventos interativos, da assunção de posição(ões) identitária(s) conforme seu projeto discursivo (o que é amplamente ilustrado pelo *corpus* em estudo), em cuja manifestação se imbricam e se pressionam, numa relação de interface, as dimensões do social e do individual/pessoal. E ao que nos parece é fundamentalmente nessa confluência, que deixa entrever um espaço de autoria e de autonomia, que se configura pela e na orquestração de vozes, resultado do dialogismo pelo qual nos constituímos, que se encontram os efeitos de unicidade do *ser sujeito*. Sob essa ótica, assumir uma posição na interação é figurar-se como sujeito, com uma identidade social, criando relações consigo mesmo e com o(s) outro(s).

SINALIZAÇÃO DE POSICIONAMENTOS IDENTITÁRIOS E PROPOSIÇÃO DE NORMAS COMUNICATIVAS

A entrevista que compõe o *corpus* deste estudo foi desenvolvida por uma pesquisadora (entrevistadora), que, doravante, será reconhecida pelas letras PQ, e uma estudante universitária do Curso de Pedagogia, de uma universidade pública do Estado de São Paulo (entrevistada), que, doravante, será reconhecida pela letra A. O evento foi realizado ao ar livre, no bosque da Faculdade de Educação da referida universidade.

Os onze primeiros turnos da entrevista, produzidos por PQ, têm como função promover a abertura do evento e balizar a dinâmica que a estrutura de parti-

cipação deve encarnar. PQ abre o evento explicando para A o objetivo da entrevista – conhecer e registrar a trajetória de leitura de estudantes universitários de diferentes cursos – e o critério adotado para a seleção dos informantes, sujeitos em formação formal.

Nessa seqüência, PQ passa a preparar A para uma pretensa dinâmica que o evento deve ganhar no que toca à assunção dos turnos de fala/intervenção na fala – de ser interrompida (ou não) pela entrevistadora. Ainda, PQ tentando, aparentemente, deixar A à vontade na atividade da abordagem/delimitação do tema – as suas memórias de leitura – esclarece para A que “necessariamente você não tem que começar pela infância, você vai por onde quiser”; recomenda, por fim, à entrevistada que ela pode falar “livremente”.

Em última análise, nota-se que a proposição, da parte da entrevistadora, de elementos que compreenderiam a estrutura de participação do evento – a sinalização de direitos e obrigações mútuas dos participantes, a orientação na maneira de falar, de obter o turno e mantê-lo, de conduzir e ser conduzido – é um mecanismo que define o papel comunicativo e o *status* dos participantes no evento e concorre para balizar seus papéis social e pessoal (cf. GOFFMAN, 1998, e ERIKSON & SHULTZ, 1998).

POSICIONAMENTOS IDENTITÁRIOS: MULTIPLICIDADE E COMPLEXIDADE NA CONSTRUÇÃO DO EU

O foco de nossa atenção, neste trabalho, recairá sobre a atuação de A, particularmente em momentos em que aparece a 1ª pessoa ou remissão a ela.¹

Nota-se que A, ao (re)construir as suas memórias, coloca em cena uma série de enunciadores, ou, em outros termos, deixa emergir vários pontos de vista enunciativos, que são interpretados por nós como um movimento que coloca em evidência o posicionamento identitário do sujeito. A, no decurso da entrevista, num discurso de cunho memorialístico, investe-se de vários pontos de vista, colocando em cena a emergência de diferentes *eus*, através dos quais se tem o que chamamos de figuração do sujeito.

Noutros termos, A institui-se um papel social a partir do qual são eleitos outros papéis, os quais se encontram, numa certa medida, subordinados àquele

¹ A estratégia utilizada para estabelecer a distinção entre os diferentes pontos de vista enunciativos evidenciados na fala de A será a de uso dos recursos negrito e itálico para indicar que a entrevistada reporta-se ao momento atual, somente negrito nos casos em que A coloca em evidência o *eu* que fala do ponto de vista da experiência passada e, finalmente, negrito e sublinhado nos casos em que A se remete a um terceiro.

que se apresenta como o eixo da estrutura de participação do evento em foco, e que, ao contrário do que se poderia imaginar, não se assenta propriamente na condição de entrevistado, mas, sim, na de aluno-leitor.

As passagens a seguir ilustram essas considerações:

Exemplo 1

Bom, assim, que *eu* me lembre, a *minha* história com a leitura começa na escola. (...) Então foi na escola com que *eu* me lembro assim livros que a professora dava pra *gente* ler a *gente* tinha que fazer prova.

Verifica-se em (1) que A, na condição de quem rememora sua história de leitora, assume, nesse momento, posicionamento identitário através do qual deixa entrever-se como um *eu* (*a gente*) que fala do lugar do aluno da educação básica, que começa então a ser introduzido no mundo da leitura.

Considerando-se que a condição de aluno-leitor vai se transformando ao longo do evento, é interessante comentar que A, ao rememorar as etapas de sua formação como leitora, traz à cena diferentes momentos de seu processo de subjetivação (os quais indiciam sua socialização), concebidos, não obstante, pela subjetividade que se manifesta no aqui/agora:

Exemplo 2

(...) mas a *minha* história mesmo de leitura começou na 5ª série, que *eu* tenho muitas lembranças (...) que foi com um professor que me deu aula na 5ª série até o 3º do colegial. (...) de passar pra *gente* a leitura de um livro por mês (...) *Eu* lembro que a *gente* tinha que, até esses dias *eu* peguei e fui ver tudo de novo, é legal ficar recordando (...) *Eu* tenho todo o material. E ele pedia pra *gente* fazer uma dissertação, narrar o livro (...)

Exemplo 3

Então, assim, *eu* conheci muiiiiiito da literatura nessa época e na 8ª série (...) então a *gente* fazia leitura e ele passava o roteiro (...) E aí era muito legal porque você via a visão de **todo mundo**, não era só a sua com relação a um fato que as pessoas interpretam de maneira diferente. E aí, assim, foi muito legal esse professor na, não sei, a relação dele *comigo* porque até o *meu* TCC foi sobre ele.

Exemplo 4

Então, aqui na universidade, quando **eu** entrei, **eu** senti muita facilidade, assim, porque tinha uma, muita quantidade de coisa pra ler e **eu** não me senti carregada, aquele peso. Lógico que **eu** senti algumas dificuldades com leituras técnicas, como de áreas que **eu** não gosto, por exemplo.

Exemplo 5

(...) E aí **eu** comecei a ler muita coisa, inclusive na época do vestibular, mas os livros do vestibular pra **mim** não foram um peso.

Exemplo 6

Porque, que **eu** lembrei agora, que foi uma experiência muito interessante pra **mim** tá inserindo os **meus** alunos na leitura.

Exemplo 7

(...) mas o tempo que **eu** tenho, de ler alguma, contos assim, **eu** ganhei um livro Os cem melhores contos do século, então **eu** to lendo um pouco assim
(...) **Eu** sempre tenho que estar sozinha.

A entrevistada, assegurando o lugar de aluno e sinalizando a pertença a uma determinada formação discursiva, aparentemente compartilhada pela entrevistadora, ora se reporta ao papel de aluno da educação básica (exemplos 1, 2 e 3), ora ao de uma universitária (exemplo 4), ora ao de uma vestibulanda (exemplo 5), ora ao de uma professora em formação ou estagiária (exemplo 6), ora e, por fim, ao de um leitor *tout court* (exemplo 7).

Esses diferentes pontos de vista afiguram-se, da perspectiva deste estudo, como posicionamentos identitários, que indiciam movimentos de objetivação e subjetivação através dos quais se dá a figuração do sujeito. Nos dados em estudo, esses posicionamentos se atualizam na forma de estratégias de persuasão pelas quais A, a entrevistada, projeta para PQ, a entrevistadora (também sua professora), sua imagem de boa leitora.

Nesse processo, a cada mudança que se instala no decurso da interação, os papéis sociais agenciados por A, por meio da rememoração, concorrem para a reconstrução/negociação de sua posição identitária.

Como exposto, A, ao longo da interação, opera com enquadre de aluna-leitora cuja tarefa, na interação, é a de relembrar as suas práticas de leitura. Ancorada nesse enquadre, que implica operar com normas ligadas à assunção (e imbricação) do papel social de estudante universitária e do papel comunicativo de entre-

vistada, A procura se constituir na cena enunciativa como alguém dotado de uma capacidade (comunicativa, discursiva) de rememorar uma história de leitora, portanto, de figurar-se como sujeito na relação com o outro (no caso PQ).

Percebe-se, enfim, nos dados, que A, na descrição de suas práticas de leitura – dos fatores e procedimentos que propiciaram a sua formação de leitora –, põe em cena vozes (e deixa entrever representações) que se filiam a formações discursivas (redes de significação) que tendem a problematizar a concepção de leitura como ação de decodificação, a chamada leitura escolarizada.

Nesse evento, dada a natureza da interação e os propósitos que a orientam, consideramos que os vários *eus*, que A traz à cena, põem, por sua vez, em cena, as suas histórias de socialização e de interação. Nessa medida, ao longo de todo evento, A, ao invés de centrar seu dizer na ação de leitura e de leitora, acaba por priorizar, ao que nos parece, os modos de leitura e de inserção nas práticas leitoras proporcionados pela escola.

Para encerrar essas considerações, queremos, por fim, ressaltar que, na ação de rememorar, os recortes efetuados por A – no tempo, na história, na memória –, a um só tempo, engendram (e são engendrados por) seu dizer (balizado pela assunção da posição de aprendiz) e aquilo que é dito (a tematização da relação leitura e escolarização).

Num jogo coerente (e singular), de manutenção da face, A vai construindo posicionamentos identitários que parecem dela exigir a coordenação de vozes/pontos de vista que deixam entrever a emergência de um *eu*, que fala do lugar de sujeito aprendiz, de um aluno que está se constituindo como sujeito-leitor, um sujeito que participa de práticas de leitura valorizadas pelo e no contexto escolar aos seus olhos e, pretensamente, aos de PQ.

Résumé

Ce travail réfléchi sur des catégories par lesquelles la relation entre le sujet avec son dire, avec le dit et avec ce que l'autre lui dit sont traitées. La réalisation de cette tâche est fondée sur le principe selon lequel, pour comprendre les actions de langage, et surtout celles qu'apparaissent dans le domaine de la profession (dans le cas de cette étude, celle des enseignants en formation), il est important de faire des rapports entre les notions de subjectivité, identité et autorie. En considérant, alors, que ces catégories focalisent, de façon différente, les rapports entre le sujet et la production du sens, ils sont étudiés les indices d'une zone que met en relation les positions identitaires du sujet et la construction du sens.

Mots-clés: Subjectivation; Objectivation; Identité; Autorie.

Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ERICKSON, F.; SHULTZ, J. O quando de um contexto: questões e métodos na análise da competência social. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. (Org.). *Sociolingüística interacional*. Porto Alegre: AGE, 1998.
- GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. (Org.). *Sociolingüística interacional*. Porto Alegre: AGE, 1998.
- GUMPERZ, J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. (Org.). *Sociolingüística interacional*. Porto Alegre: AGE, 1998.
- HOLLAND, D. *et al.* *Identity and agency in cultural worlds*. Cambridge: Harvard University Press, 1998.
- MORIN, E. A noção de sujeito. In: SCHNITMAN, D. (Org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: ARTMED, 1996.
- MOSCOVICI, S. *Representações sociais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- TANNEN, D.; WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. (Org.). *Sociolingüística interacional*. Porto Alegre: AGE, 1998.
- VYGOTSKY, L. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.